

**RELIGAMENTO DOS AFETOS PERDIDOS**  
**AUTORIA, LINGUAGEM E DRAMATURGIA: A AUTO-BIOGRAFIA**  
**COMO ARTEFATO PARA A ATITUDE CÊNICA.**

Ana Vitória Silva Freire (Doutorado)

Orientador: Zeca Ligiéro

Linha de Pesquisa: PCI – Estudos de Performance, discursos do Corpo e da  
Imagem

A questão da autobiografia é extensamente discutida e explorada em diversas linguagens artísticas, sobretudo na literatura; com Dostoiévski em *Memórias do subsolo*, "A um só tempo confissão e penitência, as memórias deste homem marcam um momento extraordinário na longa e incerta tradição das narrativas autobiográficas", Tenha ela se iniciado com a Apologia de Sócrates, de Platão, com as Confissões de Santo Agostinho, os Ensaios de Montaigne, no século XVI, ou com a autobiografia de Rosseau, no século XVIII. Em *Ecce Homo, Eis o homem, eu mesmo*, o eu nietzscheano autobiográfico "se confunde com a sua própria vida como força do destino, potência de devir. Saudando e acolhendo tudo o que escreveu, ele se torna o que é escrevendo-se a si mesmo, criando-se a si mesmo", nos lembra Muylaert<sup>1</sup> (2009) não nos deixando nunca a possibilidade de esquecer o imperativo **torna-te o que és**, levado ao pé da letra por este filósofo que ama incondicionalmente a vida e sobretudo à sua vida.

O escritor francês Albert Cammus (1998) dedicou sua vida a uma pesquisa curiosa e reveladora ao escrever *A inteligência e o cadafalso e outros ensaios*, defendendo a tese de que todo artista persegue através de toda a sua produção artística uma obsessão; a sua questão maior na vida, e que podemos reconhecê-la e seguir seus desdobramentos e amadurecimento ao longo de suas trajetórias

---

<sup>1</sup> Elizabeth Muylaert Duque –Estrada, Doutora em estudos de literatura, sua tese defendida na PUC-Rio, em Marco de 2005, chama-se Devires Autobiográficos – A atualidade da escrita de si.

criativas e através das suas obras. Nas artes plásticas temos ainda vivo e pulsante o exemplo assombroso e corajoso da artista plástica mexicana, Frida Khalo, vida e obra entrelaçadas e aprisionadas nelas mesmas. Na dança, a partir de uma construção que foi se dando na modernidade, por expoentes pontuais na Europa e América do Norte, assistimos na pós-modernidade seu maior engajamento. Autores assumindo sua escrita autoral, personalizada e intimista - A escrita de si mesmo. O que não era possível com a estética clássica pautada nos contos de fada e de um pensamento social voltado para um único Deus, aonde o padrão a ser seguido por todos era a conduta dominante da época.

Com a Modernidade e o Deus desconstruindo-se, era preciso voltar-se para a necessidade do fortalecimento dos discursos, mesmo que representados por nichos específicos, seletos grupos expressivos e a sua sobrevivência na sociedade cada vez mais materialista. Esses grupos, quase guetos de resistência filosófica, contrariando todas as expectativas, eram exclusivistas e fechados em si mesmo, pois para serem reconhecidos precisavam de uma autorização dada pelos representantes de uma determinada linha de pensamento e trabalho, a ver; grupo expressionista, cubista, impressionista, surrealista, etc. Ao serem nominados e pertencentes de uma corrente, eles conquistavam um "lugar ao sol". Fragmentação orientada pela evolução econômica e tecnológica. Hoje a pós-modernidade assiste ao advento da dissolução absoluta de uma parte, para ir além, aonde sobrevive a menor partícula, o chip, as especialidades, o quantum e o DNA.<sup>2</sup> O homem mais do que nunca esta sozinho na sua jornada e necessariamente seu discurso expressa esse seu universo tão singular.

### **Qual desafio que atravessa o projeto estético contemporâneo hoje?**

Nietzsche nos chama a atenção para a valorização das máscaras e da vida como produtora de máscaras e da consciência que os Gregos tinham disso. Uma máscara não esconde um rosto original, mas outra máscara e assim sucessivamente, de modo que o rosto próprio não passa da metamorfose e criação incessante de máscaras. Não se trata de retirar a máscara para encontrar

---

<sup>2</sup> Zigmund Baummam, sociólogo polonês, em O mal estar na pós-modernidade.

a verdade oculta, ou a identidade gelada, mas compreender a que ponto a própria verdade ou mesmo a identidade é uma entre as várias máscaras de que a vida precisa e que ela produz. Se a matriz estética substitui para Nietzsche a matriz científica, é porque se trata de produzir o ainda não nascido, não mais de descobrir o que já é existente. Questão de auto invenção, não de auto-revelação, de criação de si, não de descoberta de si.

O que conta para além da máscara, são os estados intensivos que esses traços expressam ou desencadeiam, as mutações de que esses traços são portadores, as composições de velocidade e lentidão que cada corpo consegue, consigo e com os demais, as passagens fluxionárias, os índices corpóreos, incorpórios, sonoros, luminosos, o puro movimento molecular, o gesto quântico, a musculatura tônica, os afetos, o trajeto rizomático.

"Se a estética Contemporânea é fragmentária e fluxionária, rizomática e metaestável, complexa, não-narrativa e não-representacional" (Peter Pál: 2000)<sup>3</sup>, daí talvez sua espantosa capacidade de acolher temas tão singulares, criando estados, um gesto referente, um trajeto, um rastro, uma cintilância, uma atmosfera, e nessas passagens (des)encadeadas ir produzindo novas dilatações, novas contrações, de tempo, de espaço, de corporeidade, de afeto, de percepção, de vidência, à imagem e semelhança desses deslocamentos, confirmando o que o autor de Zarathustra produzia, usando o passado mas escrevia para o futuro das artes e da cultura.

Para a escrita cênica, é preciso contar com esse campo de imantação privilegiado. Oferecendo um plano de composição gestáltica, um plano de imanência: onde tudo ganha consistência desde que passe por essa laboriosa metamorfose mágico - poética. Através dessa construção, o impalpável ganha volume, o pesado fica leve, o mais discrepante recebe lugar e há espaço para o erro. Não é pois mero encaixe inclusivo, mas transmutação processual, reterritorializando o espírito. "Se fosse necessário escrever a única história significativa do pensamento humano, seria preciso fazer a dos arrependimentos e das impossibilidades." Sussurra Camus.

---

<sup>3</sup> Filósofo, estudioso da obra de Gilles Deleuze.

Esses índices mágico-poéticos que carregam a auto-estima como precedente, podem desfraldar novas composições de universo, novas dobras subjetivas e um ato de criação auto-revelador. E não é mais válido pensar se o tempo é passado, lembra-nos Walter Benjamin (2009), "se a aparência do teor de verdade se deve ao teor factual ou se a vida do teor factual se deve ao teor de verdade. Pois na medida que se dissociam na obra, eles tomam a decisão sobre a imortalidade da mesma." Nos diversos signos de inacabamento que nele evocam um impresentificável, seja ele de turbilhão ou colapso, mas também de iminência, suspensão e intensidade.

Corpo, criação, educação, autoria e método. Qual o desafio que atravessa o projeto estético contemporâneo? Se a estética contemporânea é fragmentária, complexa e não-narrativa, onde o intérprete-criador vai buscar suporte para a construção de um corpo singular, autoral e expressivo? A auto-biografia seria um terreno fértil que impulsionaria essa re-descoberta para uma gramática autoral? Grotowski (1994), dizia que o ator e o seu corpo são os únicos elementos imprescindíveis na arte teatral, justamente porque o corpo do ator é o que torna esta arte viva possível; através dele, da ação/expressão, a palavra se vivifica. Caberia, antes, indagar, de que corpo se fala? A hipótese levantada neste projeto aponta o trabalho corporal criativo-pedagógico, baseado na identidade, memória e história pessoal, valorizando a organicidade física e emocional para uma escrita cênica, como uma ferramenta potencial para se construir uma escrita corporal autoral e original. Neste contexto acontece de cada um poder reconhecer-se como ator e autor de si mesmo e cada subjetividade pode continuar tecendo-se a si mesma, com a matéria prima precária que lhe pertence e retrabalhá-la para a construção de uma dramaturgia física. Através do aprofundamento deste estudo em curso; a observação da trajetória de um artista criador e a sua pesquisa pedagógica e artística, orientada pelo discurso auto-biográfico que desdobra-se para a construção de uma linguagem estética e construção de uma metodologia para a dramaturgia do corpo em cena, se verificará.

Seus eixos de reflexão estão apoiados; no corpo a partir da visão antropológica de David Le Breton e Marcel Mauss, onde técnica e tradição são profundamente discutido, no âmbito filosófico com Nietzsche e a originalidade da escrita de si e

Gumbrecht e a produção de presença, atravessados pela experiência cênica da dramaturgia orgânica de Eugênio Barba, o comportamento resyaurado de Richard Schecner e a análise do movimento de Hubert Godard.

### **Bibliografia**

BAUMAN, Z. O Mal estar da Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BENJAMIN, Walter. Em ensaios reunidos: escritos sobre Goethe- SP: Editora.34, 2009.

CAMUS, Albert. A inteligência e o cadafalso e outros ensaios. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. Devires Autobiográficos – A atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU Editora PUC Rio, 2009.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio: Políticas da subjetividade contemporânea, SP: Iluminuras, 2000.